

COMO APRENDEM AS PESSOAS JOVENS E ADULTAS: UMA REFLEXÃO À LUZ DA ANDRAGOGIA.

Francisco das Chagas Alves Rodrigues ¹
Maria da Glória Carvalho Moura ²

Resumo: O presente trabalho, recorte de uma dissertação de mestrado concluída no ano de 2015, apresenta o resultado de uma investigação sobre a concepção dos professores e os sentidos que assumem no processo de aprendizagem de pessoas jovens e adultas no contexto da EJA. Foi desenvolvida com a participação de gestores, professores e coordenadores pedagógicos do sistema de ensino municipal de Teresina, capital do Piauí. Utiliza como procedimentos metodológicos para produção de dados o questionário, a entrevista e o grupo focal. A organização e a interpretação dos dados apoiam-se em Bardin (2011), Oliveira (2007) e nos princípios da Análise do Discurso. Os resultados alcançados apontam para uma concepção de aprendizagem em que se valorizam a experiência e saberes dos estudantes e encara os adultos como pessoas que sabem fazer suas escolhas e que percebem e analisam as consequências dessas escolhas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Aprendizagem. Andragogia.

Abstract: This work, clipping a dissertation completed in 2015, presents the results of an investigation into the design of teachers and the way they take the learning process of young people and adults in the context of adult education. It was developed with the participation of managers, teachers and coordinators of the municipal education system in Teresina, capital of Piauí. Used as instruments for production data the questionnaire, the interview and the focus group. The organization and interpretation of data are supported by Bardin (2011), Oliveira (2007) and the principles of discourse analysis. The results achieved point to a conception of learning where we value the experience and knowledge of the students and sees adults as people who know how to make their choices and what they perceive and analyze the consequences of those choices.

Keywords: Education for Youth and Adults. Learning. Andragogy.

Introdução

Uma educação pública e uma educação de qualidade são pressupostos básicos intrinsecamente interligados e almejados por todos, visto que uma educação pública de qualidade contribui para a aprendizagem e esta intervém de forma significativa no desenvolvimento de uma nação, por ser uma das principais vias para construção de uma sociedade mais solidária, justa e democrática.

¹ Autor 1 Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Membro do Fórum de Educação do município de Teresina- PI. Professor da modalidade EJA do Município de Teresina. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Práticas Curriculares e Formação de Profissionais da Educação (NIPPC-UFPI) E-mail: fcorod@bol.com.br.

² Autor 2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Práticas Curriculares e Formação de Profissionais da Educação (NIPPC-UFPI). E-mail: glorinha_m@yahoo.com.br

Nesse sentido, constitui-se em uma poderosa ferramenta para a mudança social, pois a educação é o elemento fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a realização da vocação do ser humano. É considerada o caminho para formar pessoas sensíveis para as questões que afetam todos os grupos minoritários, para a prática da liberdade e para o exercício da cidadania.

A educação também é considerada o caminho para a mobilização social, sem a qual as mudanças não se viabilizam. No entanto, quando o objeto de discussão está centrado em Educação de Jovens e Adultos (EJA), estas duas concepções, educação pública e qualidade, na maioria das vezes são refletidas em separado, trazendo inúmeros prejuízos para a consolidação de políticas públicas para essa modalidade de ensino.

Sem dúvida, a complexidade dessas concepções tem influenciado o desenho de políticas e desafios para a EJA, uma vez que, no Brasil, as pesquisas voltadas para a educação do adulto, preocupando-se como o sujeito adulto aprende incipientes, sendo que a preocupação está em comprovar que o país ainda possui milhões de pessoas jovens e adultas analfabetas ou que não concluíram o ensino fundamental (MOURA, 2012).

Nesse paradigma, para alcançar a tão sonhada qualidade na educação pública, o foco da discussão precisa ampliar-se, estreitar as relações com todos os níveis e modalidades de ensino. As concepções de aprendizagem, tanto das crianças quanto dos adultos, devem ser estudadas em uma perspectiva de desenvolvimento, aprofundando a compreensão do processo de aprendizagem. Isso significa dizer que, os estudos sobre educação precisam trazer abordagens de questões relacionadas com aspectos do desenvolvimento da aprendizagem do jovem e do adulto, na perspectiva de intervenções adaptadas às situações de aprendizagens vividas pelos aprendizes.

Partindo do princípio de que o sujeito adulto, em formação, tem sua forma própria de apreender os conhecimentos historicamente organizados, relacionando-os com os conhecimentos adquiridos durante sua história de vida, da mesma forma o pesquisador vai construindo a ciência de acordo com seu próprio método, na busca de atender às exigências epistemológicas decorrentes das teorias que as referendam (MOURA, 2012). Pretende-se, neste estudo, voltar a atenção para um ponto complexo, que merece ser refletido, por ser o objeto da qualidade da educação, cuja relação existencial escapa, devido à sua complexidade, dificultando a apropriação do conhecimento e sua descoberta: a aprendizagem de pessoas jovens e adultas.

A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(LDB) nº 9.394/96 regulamentam políticas voltadas para o atendimento do público jovem e adulto, que frequenta as escolas brasileiras. Dentre essas políticas, tem-se: as Diretrizes Curriculares Nacionais e Operacionais, material didático específico para a modalidade EJA, financiamento via Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos profissionais do Magistério (FUNDEB).

Paradoxalmente, essas políticas não conseguiram melhorar os frágeis resultados na modalidade EJA, que continua apresentando um quadro anual com altos índices de retenção e de evasão escolar, que se configuram em desafios para a EJA, principalmente no Ensino Fundamental, como consequência de vários fatores, e, dentre eles destacam-se as formas como a aprendizagem dessas pessoas é concebida e avaliada.

Motivados por essa realidade, são feitas uma reflexão e uma análise crítica sobre as concepções e os sentidos que assumem a aprendizagem dos jovens e adultos frequentadores das escolas públicas, de ensino fundamental, dessa modalidade de ensino.

Atualmente, termos como excluídos, discriminados e marginalizados geralmente estão ligados àquelas pessoas que não conseguem ou não tiveram oportunidades de aprender. Excluídos do mercado de trabalho, pois não acompanharam as inovações tecnológicas; discriminados socialmente, pois não dominaram as novas competências e habilidades requeridas pelo mercado; marginalizados culturalmente, por não terem apreendido a cultura letrada, os novos saberes exigidos para bem viver numa sociedade moderna e competitiva. Para obter uma vida produtiva, na atualidade, é obrigação de toda pessoa, jovem ou adulta, desenvolver diferentes estratégias de aprendizagem.

Deve-se aprender por ser uma exigência social em um mundo cada vez mais exigente, bem como para aquisição de saúde, lazer, trabalho ou outros bens sociais de qualidades, sem os quais não é permitido qualquer indivíduo prescindir de conhecimentos para usufruí-los ou reivindicá-los.

O mundo dos negócios, de modo particular, assim como o mundo moderno, de um modo geral, exige das pessoas um constante aprendizado, para que elas obtenham sucesso ou pelo menos sobrevivam no mundo do trabalho, para que não se sintam marginalizadas e sem oportunidades.

As exigências sociais, as conquistas sociais, características de uma sociedade democrática e moderna, exigem do cidadão adulto o desenvolvimento de capacidades para usufruir desses direitos sociais conquistados e para o exercício da cidadania.

Uma boa educação tornou-se obrigação de todos: homens e mulheres, jovens e

adultos, residentes no campo ou na cidade, trabalhador autônomo ou assalariado, temporário ou permanente, patrão ou empregado, estudante ou professor universitário. As dinâmicas da vida moderna, e subordinação de fatos locais a outros fatos globalizados exigem uma atualização contínua a respeito dos acontecimentos, requerendo uma formação ao longo da vida.

Aprendizagem de pessoas jovens e adultas

Desde a pré-história, para sua sobrevivência o homem teve que desenvolver estratégias de aprendizagem para adequar seus conhecimentos às exigências da realidade que o circundava, fosse para produzir seus alimentos, superar a estratégia de guerra, conseguir uma parceira, garantir a permanência da raça ou sobressair em seu espaço de trabalho. Tudo isso, no entanto, exigia esforço, tempo, reflexão, erro, acerto e técnicas apropriadas para sua execução. Enfim, a forma certa de aprender sempre foi o caminho para o sucesso.

Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia e a carência de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, mais do que nunca a aprendizagem é foco de estudos e pesquisas. Os estudos voltados para a aprendizagem de pessoas jovens e adultas, no Brasil, carecem de muitas pesquisas, haja vista o Brasil ser um país com milhões de adultos aptos para o mercado de trabalho que não sabem ler nem escrever, fato que certamente repercute negativamente para a produção nacional e macula a imagem do país no exterior. É neste contexto, que a aprendizagem assume uma página de emergência nas pesquisas em educação.

Nesse sentido, Finger e Asun (2003, p. 13) refletem que:

Nunca antes se falou tanto de aprendizagem. Não só a aprendizagem pelas crianças, mas aprendizagem de todos os membros da sociedade, unidades organizacionais, comércio, e até a sociedade no seu todo. Isso não significa que nunca assim tenha acontecido, a novidade está no fato de tal aprendizagem ser atualmente medida, quantificada, certificada, reconhecida e ativamente promovida.

A exigência da vida moderna, com seus avanços tecnológicos e o acesso da informação a todas as pessoas e em todos os lugares, instiga gestores públicos a pensar em políticas sociais e educacionais que beneficiem toda a sociedade, mas essas conquistas não têm atingido boa parte da população, por ser analfabeta e não saber como acessar esses benefícios. É neste contexto que a aprendizagem de pessoas jovens e adultas, o conhecimento, pelos profissionais da escola, de como ela acontece e se processa no cotidiano

da sala de aula, apresenta-se como uma pauta urgente na educação brasileira.

Para a pessoa jovem e adulta, uma aprendizagem ocorre quando o conhecimento adquirido pode ser útil para sua vida. Nesse processo de aprendizagem a imposição docente cede lugar ao diálogo e ao convencimento argumentativo, a fim de que o aluno apreenda os conhecimentos, atribuindo-lhes um novo sentido. Portanto, “no processo de aprendizagem só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, podendo, por isso mesmo, reinventá-lo” (MOURA, 2012, p. 08).

Vive-se em uma sociedade do conhecimento, das rápidas e excessivas informações, em que aprender é condição imprescindível para se viver bem. Das aprendizagens das pessoas depende o desenvolvimento da educação, da saúde, da economia, da política e da própria civilização. Tornou-se uma sociedade de indivíduos aprendentes. Nesta perspectiva, a prática pedagógica deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que servirão de base para novos conhecimentos. A este respeito, Delors (2012, p. 90) explica que:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Esses saberes são fundamentais para a vida de pessoas jovens e adultas, pois o aprender a conhecer indica o interesse, o querer, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta os sujeitos da ignorância. O aprender a fazer mostra a coragem de executar, de correr riscos, de errar mesmo na busca de acertar. O aprender a conviver traz o desafio da convivência que apresenta o respeito a todos e o exercício de fraternidade como caminho do entendimento, tão essenciais neste século, marcado pela violência e desrespeito aos direitos mais básicos do cidadão.

O aprender a ser envolve o papel do cidadão e a intenção de viver a educação pautada nos valores e atitudes direcionados para a vida em sociedade, partindo do sujeito individual. Os domínios aprender a ser e aprender a conviver consistem num dos maiores desafios para os educadores, pois atuam no campo das atitudes e valores.

As reflexões sobre aprendizagem no campo da educação de adultos foram fragilizadas pelo fato de nunca ter sido um campo intelectualmente coerente e unificado. Finger e Asun

(2003, p. 14) refletem que:

Há ocasiões em que a aprendizagem é considerada apenas individual, contribuindo para o crescimento pessoal, neste caso a educação de adultos tem principal referência a psicologia humanista. Outras há em que é vista como um processo de desenvolvimento cognitivo conducente ao desenvolvimento e à competências intelectuais. Aqui a educação de adultos toma como referência a pedagogia iluminista e a teoria crítica, uma abordagem especialmente difundida na Europa. Por fim, particularmente na abordagem americana, a aprendizagem é também encarada como resolução de problemas.

A grande quantidade de teóricos que se debruçaram sobre a aprendizagem de pessoas jovens e adultas, fora do Brasil, aponta para uma discussão que, diferentemente da situação brasileira, pode apresentar saídas mais seguras para este grande desafio de compreender como estes sujeitos aprendem.

Diante das dificuldades ora observadas, nas tentativas de contribuir para a aprendizagem de pessoas jovens e adultas, tentativas estas baseadas em metodologias nas quais os sujeitos adultos, com seus saberes, não são respeitados, seus conhecimentos prévios não são considerados no planejamento das aulas, onde os professores tentam ensinar-lhes como fazem com as crianças, é de extrema urgência que os professores conheçam como os estudantes adultos aprendem e qual o papel do professor nessa outra perspectiva de aprendizagem.

No Brasil, a educação de adultos foi e ainda é muito influenciada pelas ideias de Paulo Freire (1921-1997). Este, ao criticar o procedimento pedagógico que deixa o professor na condição de transmissor do conhecimento e encara o aluno como passivo da ação educativa, o que denominou de “educação bancária”, contrapõe que:

Ao apontar as relações entre aluno e conhecimento, Freire coloca o aluno como sujeito, e não como objeto do processo educativo, afirmando sua capacidade de organizar a própria aprendizagem em situações didáticas planejadas pelo professor, num processo interativo, partindo da realidade desse aluno (BRASIL, 2002, p. 98).

Ademais, é preciso insistir na defesa de uma educação com caráter emancipatório, libertador, dialógico, problematizador e questionador da realidade, no sentido oposto ao de uma educação para a submissão. Assim, a escola deve ser lugar de criação, de liberdade, não de imposição ou de medo. Nesse contexto, as práticas avaliativas devem ser de regulação, acompanhamento e orientação, ao invés de classificar, selecionar, medir.

É nesta mesma linha de compreensão que as concepções socioconstrutivistas defendem o conhecimento, não como “algo situado fora do indivíduo, a ser adquirido por meio da cópia do real, tampouco algo que o indivíduo constrói independente da realidade

exterior, dos demais indivíduos e de suas próprias capacidades pessoais” (BRASIL, 2002, p. 99), mas como respeito à história de vida, dos conhecimentos prévios das pessoas jovens e adultas assumidas de maneira fundamental, considerando sua importância na construção das aprendizagens.

Foi nesse contexto que, a partir da década de 1970, preocupados com os rumos que tomava a educação de adultos, alguns teóricos apresentaram alternativas à aprendizagem direcionada, centrada no professor, característica da pedagogia, posicionando-se a favor da aprendizagem facilitada, centrada no aluno. Nela, a aprendizagem é compartilhada entre professor e aluno, respeitando-se saberes, vivências e experiências destes sujeitos. Essa realidade se refere ao modelo chamado andragógico, de aprendizagem de pessoas jovens e adultas.

Esse modelo surgiu inicialmente como antagônico ao pedagógico, mas posteriormente como um contínuo ou complemento deste (DEAQUINO, 2007). A andragogia é apresentada como “a ciência que procura entender como ocorre a aprendizagem na fase adulta do ser humano em todos os âmbitos: psicológicos, biológicos e sociais” (MOURA, 2012, p. 03).

Apesar de somente a partir do ano de 1950 o educador Malcolm Knowles (1902-1987) ter começado a organizar uma teoria de aprendizagem de pessoas jovens e adultas, as reflexões propostas foram resultados de discussões e debates que há muito tempo ocupam espaços em congressos e seminários da área, embora esse conhecimento ainda não seja da compreensão de muitos educadores brasileiros que lidam com a modalidade EJA.

Na década de 1970, quando ainda era (ou já era) muito forte a ideia de que a aprendizagem se dava de forma direcionada, ou seja, onde existia a figura de um professor que se encarregava de direcionar todos os passos do processo de aprendizagem dos alunos, Knowles e Carl Rogers (1902-1987), além de outros educadores, começaram a promover a ideia de uma aprendizagem centrada no aprendiz ou facilitada, que eles denominaram de aprendizagem autodirecionada. Em ambos, a experiência do aprendiz assume lugar de destaque na construção da aprendizagem.

A aprendizagem é facilitada quando o aluno participa de maneira responsável no processo, já que esse aluno escolhe a própria direção e ajuda a descobrir seus próprios recursos. Nessa perspectiva, o papel do professor é centrado “[...] principalmente no ambiente de aprendizagem, onde tem de criar as condições ótimas para o autodesenvolvimento” (FINGER; ASUN, 2003, p. 64).

A figura de um facilitador é crucial para o contexto da aprendizagem do adulto, visto que é responsável por criar um clima de aprendizagem, ajudando os educandos adultos a clarificarem suas interpretações, a ampliar o conhecimento e a se desenvolverem.

Assim, acredita-se que a pessoa não cresce, não aprende, se a experiência de aprendizagem não for significativa.

A psicologia humanista popularizada por Knowles foi responsável pela transposição desta para o campo da educação de adultos, na década de 1970. Autor de inúmeros livros e artigos voltados para a temática, Knowles é considerado o “apóstolo da andragogia” (FINGER; ASÚN, 2003). Definida inicialmente como “a arte e a ciência de ensinar os adultos a aprender”, essa definição inicial, hoje evoluída, “[...] apresenta-se, atualmente, como uma alternativa à pedagogia e refere-se à educação centrada no aprendiz para pessoas de todas as idades” (DEAQUINO, 2007, p. 11).

A responsabilidade pela aprendizagem de pessoas adultas é compartilhada, fazendo com que o aluno se sinta corresponsável por sua própria aprendizagem, conquistando mais autonomia e independência. Então, a prática docente deve priorizar o processo de aprendizagem, indo além dos conteúdos; “nesse sentido, o objeto da educação de jovens e adultos não é tanto ministrar o ensino, mas assegurar uma formação” (MOURA, 2012, p. 05).

Neste contexto, as experiências são, por um lado, fonte de aprendizagem, principalmente quando se refletem sobre elas; por outro, são o resultado do processo de aprendizagem, tornando-as mais significativas. No modelo de aprendizagem autodirecionada,

[...] o objetivo da educação tem um foco maior no processo (desenvolvimento de pensamento crítico, crescimento como pessoa e cidadão) do que no conteúdo [...]. A grande contribuição [...] é criar oportunidade para que eles decidam onde envidar seus esforços a fim de aprender aquilo que possa ajudá-los a resolver os problemas que enfrentam na vida pessoal e profissional, bem como para prepará-los adequadamente para aquilo que desejam ser, em um futuro próximo (DEAQUINO, 2007, p. 24).

O professor, como facilitador da aprendizagem, assume o papel de colaborador no desenvolvimento da consciência cidadã e participativa do adulto, tornando-o livre, responsável e apto para resolver seus problemas cotidianos, decidir seus próprios caminhos.

A partir de 1970, a abordagem de aprendizagem transformadora foi foco de estudos e pesquisas, a exemplo do pesquisador Jack Mezirow (1923- 2014) que formulou reflexões acerca da aprendizagem referida como “transformação de perspectiva”. Nela, os aprendizes alcançam elevados níveis de conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. São capazes de questionar suas realidades a fim de mudá-las de modo reflexivo e consciente, “[...] o facilitador mais eficaz é aquele que estimula os adultos a considerar de forma racional e cuidadosa as perspectivas e interpretação do mundo que diferem das que eles já têm, sem fazer esses adultos se sentirem enganados e ameaçados” (KNOWLES; HOLTON III; SWANSON, 2009, p. 111).

De acordo com a abordagem já mencionada, “[...] os aprendizes são incentivados a desafiar, defender e explicar suas crenças, a avaliar suas evidências e justificativas e a julgar argumentos para atingir o objetivo máximo de crescimento pessoal, independência e pensamento crítico” (DEAQUINO, 2007, p. 25).

As perspectivas que os indivíduos traziam de seu passado, muitas já consolidadas e estabelecidas são revisitadas pela reflexão e redefinidas em novas interpretações, novos conceitos e comportamentos. O desafio consiste no confronto dessas perspectivas passadas e atuais, cabendo ao facilitador considerá-las no processo de aprendizagem de adultos.

A aprendizagem de fato significativa ocorre nas pessoas jovens e adultas quando a referida transformação de perspectiva ocorre. Para tanto, o diálogo é imprescindível na ação educativa, pressupondo-se que os atores se relacionem de modo horizontal, assim sendo, “é neste contexto de aprendizagem comunicativa, através do discurso racional, que a reflexão crítica pode desenvolver todo o seu potencial e ajudar o indivíduo a questionar suas próprias premissas básicas. E, ao fazê-lo, ajudá-lo a transformar as suas perspectivas” (FINGER; ASUN, 2003, p. 57).

Assim como no caso da aprendizagem auto direcionada, a contribuição da aprendizagem transformadora consiste em ajudar os adultos aprendizes a vencer obstáculos no seu processo de crescimento pessoal e profissional. Diferencia-se da primeira abordagem por incentivar o desenvolvimento do pensamento crítico do aprendiz.

Inspirado no trabalho de Dewey, na década de 1980, David Kolb (1939) desenvolveu o “ciclo da aprendizagem vivencial”, em que há o envolvimento do aprendiz e seu aprendizado, no aprofundamento do conhecimento pela experiência, reflexão, experimentação e aplicação. As competências advindas da junção desses momentos estimulam o crescimento pessoal e profissional do aprendiz, resultando numa relevante contribuição à educação de adultos. No entender de Kolb, “[...] a aprendizagem de adultos seria mais eficaz [...] sempre que o objeto da aprendizagem fosse mais direta e profundamente vivenciado do que quando ele fosse simplesmente recebido de maneira passiva” (DEAQUINO, 2007, p. 26).

Essa concepção de aprendizagem é caracterizada por seis aspectos:

- a) Aprendizagem tem sempre de ser vista em termos de *processo* e não em termos de resultados [...].
- b) Aprendizagem é um processo *experiential*, dado que apenas progride através de experiências contínuas [...].
- c) Ao longo do processo experiential há quatro *capacidades* ou processos de adaptação ao mundo: (1) a capacidade de ter experiências concretas; (2) a capacidade de fazer observações reflexivas; (3) a capacidade de fazer conceptualizações abstratas; (4) a capacidade de fazer experimentações ativas [...].
- d) A aprendizagem é, assim, uma *adaptação* holística ao mundo [...].
- e) aprender implica, portanto, uma série de *transações* entre a pessoa

e o seu ambiente [...]. f) em resultado desta transação, a aprendizagem conduz à *criação de conhecimento* (FINGER; ASUN, 2003, p. 46, grifos do autor).

A aprendizagem é resultante do somatório das experiências vividas pelos indivíduos, ocorrendo num processo contínuo. Não ocorre apenas no nível abstrato ou concreto, mas se dá como decorrência de várias capacidades. A aprendizagem acontece num contínuo de adaptações, trocas entre pessoas e ambientes. Enfim, o resultado de diferentes saberes conduz ao conhecimento.

Os quatro passos denominados modelo de Kolb, presentes no terceiro aspecto que caracteriza a aprendizagem, capacidade de ter experiência concreta, capacidade de fazer observações reflexivas, capacidade de fazer conceptualizações abstratas e capacidade de fazer experimentações ativas atendem positivamente à aprendizagem do adulto. Além disso, “[...] representa um maior envolvimento do aprendiz com seu aprendizado em termos globais, ou seja, um processamento mais profundo de conhecimento e habilidades por meio da experiência, reflexão, experimentação e aplicação” (DEAQUINO, 2007, p. 27).

Essa aprendizagem implica uma série de relações e trocas entre as pessoas e o ambiente que as circunda. Nessas relações se dá a experiência, que se configura em outro elemento importante para a aprendizagem de pessoas jovens e adultas.

Assim como a aprendizagem transformadora de Mazirow, a aprendizagem vivencial de Kolb provoca no aprendiz capacidade de problematizar sua realidade, modificando seu pensar e agir arraigados. Nesse sentido, a aprendizagem é vista como “interação entre conteúdo e experiência, em que um transforma o outro” (KNOWLES; HOLTON III; SWANSON, 2009, p. 213), onde o aprendiz, de uma maneira interativa, torna-se capaz de discernir, adaptar e ressignificar o conhecimento em benefício próprio.

A compreensão dos educadores que atuam na modalidade EJA, do modo como ocorrem os processos de aprendizagem de pessoas jovens e adultas é de fundamental importância para que eles possam pensar práticas mais eficazes para avaliá-los. Práticas avaliativas democráticas, em que os educandos estejam conscientes de seus objetivos, deixam de ser temidas e passam a ser encaradas como práticas de inclusão e emancipação desses sujeitos.

Metodologia

A pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva foi realizada em duas

escolas localizadas em bairros da periferia da cidade de Teresina, uma na Zona Norte e uma na Zona Sudeste. Para tanto, foi selecionado um grupo de 14 professores, lotados em duas escolas que atuam em turmas dos anos finais do ensino fundamental.

A escolha se deu pelo fato de as escolas ofertarem EJA há mais de uma década e ter no corpo docente e administrativo profissionais com bastante experiência nessa modalidade de ensino. São as duas escolas com maior número de alunos matriculados na EJA, de um total de 45 escolas, funcionando há mais de uma década.

Para os fins de acesso às informações empíricas, foram utilizadas como instrumentos o questionário e a entrevista. O primeiro, com a finalidade de delinear o perfil dos participantes da pesquisa, referente à situação pessoal e profissional, foi aplicado a todos os professores, coordenadores pedagógicos e gestores das escolas pesquisadas. A entrevista foi aplicada por meio da técnica de grupo focal, constituído por educadores das duas escolas selecionadas. O grupo focal foi realizado em três seções de duas horas cada uma, sendo realizado pré-teste com outros profissionais que atuam na mesma escola do pesquisador. O roteiro era composto de oito questões abertas, cujo teor mantinha coerência com os objetivos da pesquisa.

Essa técnica consiste em selecionar participantes obedecendo a critérios elencados pelo pesquisador, conforme o problema em estudo, em que os participantes com características comuns interagem entre si, estimulados pelo tema a ser abordado (BARBOUR, 2009). Selecionar pessoas com diferentes opiniões em relação ao tema a ser discutido é um desses critérios, pois o objetivo não é apenas obter dados quantitativos, pois o que é fundamental para o estudo são as concepções e percepções de cada sujeito sobre o foco do objeto investigado.

Para compor o grupo focal foi convidado um representante de cada componente curricular, totalizando oito professores: um professor de cada área (Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes e Língua Estrangeira – Inglês). A participação na pesquisa se deu por livre adesão e definiu-se como critério de inclusão: ser professor de escola municipal e trabalhar com o segundo segmento do ensino fundamental na modalidade EJA. A escolha desse segmento justificou-se pelo fato de poucas escolas do município de Teresina ofertarem esse segmento na modalidade EJA.

Aprendizagem no contexto da EJA: resultados e discussões da pesquisa

Os dados produzidos pelos participantes que constituíram o grupo focal foram trabalhados e organizados em dois eixos temáticos: 01-Superar desafios; 02-Transformação

significativa para analisá-los fez-se uso da Análise do Discurso (AD), por acreditar que permitirá a compreensão dos sentidos e significados expressos nas contribuições dos participantes (ORLANDI, 2005).

Para a proteção das identidades dos participantes, conforme a ética da pesquisa, eles foram identificados por pseudônimos denominados pedras preciosas: Esmeralda, Cristal, Diamante, Topázio, Quartzo Água, Opala, Safira.

Assim, apresentam-se algumas falas, de onde foi possível identificar a concepção de aprendizagem presente na prática e no discurso dos professores. No Eixo Temático 01- ***Superar desafios*** ficou evidente a necessidade de maior compreensão, pelos professores, sobre a Andragogia, ciência que se preocupa com o ensino e a aprendizagem de pessoas jovens e adultas, sem desconsiderar os preceitos das outras ciências, principalmente da Pedagogia. Seguem as falas dos participantes:

1-Mudança de atitude diante de um desafio. A aprendizagem proporciona meios para superar esse desafio. Aprendizagem é armar nossos alunos de alguma forma, diante de novos desafios, de novas propostas, ele *ter condições de se comportar diferente*. Então, eu vou munir ele diante dos desafios da vida, assim ele possa enfrentar esses desafios. (ESMERALDA).

2-Mudança de comportamento. Aprendizagem é algo que você incorpora e passa a utilizar. É uma ferramenta. Então eu tenho uma chave, é preciso abrir alguma coisa com aquela chave se eu aprendi eu uso aquela chave... *É mudar a maneira de ser, de agir, de pensar, de se comportar* de tudo (CRISTAL).

3-Mudança de comportamento, de atitude. Aprendizagem... Ao aluno já consegue resolver problemas só, sem ajuda do professor, porque ele assimilou os conteúdos, então ele aprendeu (DIAMANTE).

4-É a mudança de comportamento e ideias da realidade dos alunos. É fazê-los críticos... É reconhecer alguma coisa, aprender, *pensar sobre* aquilo que ele está observando, isso é aprender... No momento que você identifica alguma coisa e você pode processar isso em termo de crítica, de valores do que é certo, do que é errado, na hora que eu percebo alguém com *capacidade de ser crítico nas suas ações* eu percebo que aprendeu (TOPÁZIO).

Provocados sobre a compreensão de aprendizagem, os interlocutores foram unânimes em afirmar que esta se apresenta como elemento essencial de transformação, visto que, em todos os trechos as falas remetem a o enfrentamento de desafios na perspectiva de superação: [...] *ter condições de se comportar diferente* (ESMERALDA); *É mudar a maneira de ser, de agir, de pensar, de se comportar* [...] (CRISTAL); *Mudança de comportamento, de atitude* [...] (DIAMANTE) e [...] *capacidade de ser crítico nas suas ações* [...] (TOPÁZIO).

O posicionamento de Esmeralda não deixa dúvida de que o aluno da EJA demonstra

que realmente aprendeu quando se sente capaz de fazer uso do conhecimento apreendido para o enfrentamento de questões cotidianas, presentes em seu dia a dia. Assim, “os sujeitos jovens e adultos, na sua maioria, não aprendem por aprender, mas para se tornarem capazes de enfrentar satisfatoriamente os desafios que a vida lhes oferece” (MOURA, 2012, p. 06).

Cristal, trecho (2), externa a compreensão de aprendizagem quando o aluno demonstra que é capaz de fazer uso do conhecimento apreendido em quaisquer situações que se apresentem em suas relações interpessoais, na forma de ver o mundo e de se ver diante dele. Razão pela qual o professor, como mediador do processo de aprendizagem, deve provocar os alunos com atividades desafiadoras, relacionando os conhecimentos que precisam aprender com o conhecimento que trazem de sua prática cotidiana, que façam a diferença na vida do estudante, pois “os jovens e adultos aprendem resolvendo problemas ligados à realidade, se os problemas não tiverem relação com a realidade, se não forem vivenciados, perdem o interesse” (MOURA, 2012, p. 08).

Diamante reforça o posicionamento de Esmeralda e Cristal ao afirmar que a aprendizagem ocorre quando o estudante apresenta [...] *Mudança de comportamento, de atitude*, revelando que a aprendizagem contribui para se tornar um sujeito autônomo e, que essa autonomia faz com que adquira a segurança que a aprendizagem confere. Dessa forma, compete ao professor “[...] engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes conhecimentos e depois avaliá-los” (MOURA, 2012, p. 11).

Para Topázio, trecho (4), a aprendizagem se configura quando o aluno demonstra a *capacidade de ser crítico nas suas ações*. Essa criticidade tem visibilidade quando interfere com responsabilidade nas realidades de seu entorno, na perspectiva de transformação. Dessa forma, a aprendizagem “estimula o desenvolvimento do pensamento crítico, e não da mera aceitação de práticas consagradas [...]” (DEAQUINO, 2007, p.28). Como exemplos estão os mitos fortemente consolidados nas instituições escolares.

Partindo do pressuposto de que é por intermédio das experiências, das emoções e da reflexão que o indivíduo aprende, sendo esta última essencial para o processo de aprendizagem, da transformação seguem-se as falas dos participantes reunidas no Eixo Temático 02- ***Transformação significativa***:

1-Transformações sociais, visão de mundo. Aprendizagem está relacionada com a experiência de vida, de mundo, com teoria e pratica (QUARTZO).

2-Um processo que se dá continuamente. É aprender qualquer coisa, em qualquer lugar, em qualquer situação. Digamos... Na sala de aula, o professor ministra um conteúdo, eu presto atenção e consigo aprender... Até o que minha cabeça deu para eu conseguir aprender. Na rua, eu aprendo

sobre atividade bancária, eu vejo alguém construindo um muro e eu aprendo... Isso é aprender (ÁGATA).

3-Aprender é um processo de assimilação, de aquisição do conhecimento, de juntar a teoria que foi passada para mim com a prática que eu vivo no meu cotidiano, distinguir o que foi posto o que foi colocado em determinada situação. Acontece em vários âmbitos, não só na escola (OPALA).

4-Mudança, transformação, conhecimento. Aprender é algo tão significativo que ao mesmo tempo pode significar o novo e pode também significar o abandono de certos atos antigos, pois quando aprendemos, fazemos reorganizações de pensamentos de atitudes, é algo que faz parte do ser humano. Aprendemos até quando achamos que não estamos fazendo isso... (SAFIRA).

O Eixo Temático 02 reúne informações significativas que apontam para uma compreensão de aprendizagem resultante da *experiência de vida*, (QUARTZO), *que se dá continuamente* (ÁGATA), *fruto da teoria e da prática* (OPALA E QUARTZO), *transformação [...] algo significativo* (SAFIRA).

Quartzo, trecho (1), demonstra respeito pelos conhecimentos trazidos pelos estudantes de EJA para a sala de aula, ao enfatizar suas experiências. Aceitando a visão de mundo do estudante evidencia que atua como um facilitador da aprendizagem, considerando que esta acontece em todos os contextos e espaços do sujeito em formação e é sistematizada na escola, instituição responsável pela comprovação de sua escolaridade. No contexto das escolas de pessoas jovens e adultas, a experiência assume papel central diante do desafio de aprender. (KNOWLES; HOLTON III; SWANSON, 2009, p. 213).

Sabe-se que as pessoas jovens e adultas são motivadas a permanecer na escola quando percebem que suas necessidades e interesses serão satisfeitos, atendendo aos objetivos de alcances imediatos que possam transformar suas vidas. Nesse sentido, “[...] para iniciar a organização de uma proposta de aprendizagem destinada a esse público, deve-se considerar que a experiência se constitui a mais rica fonte para o jovem e adulto aprender” (MOURA, 2012, p. 11). Isso significa dizer que os elementos que compõem as vivências do estudante têm relação direta com o contexto em que atua, tornando-se um elemento indispensável para a aprendizagem.

Ágata, trecho (2), evidencia em sua fala que a aprendizagem é *um processo contínuo. É aprender qualquer coisa, em qualquer lugar, em qualquer situação.* [...], assumindo que a aprendizagem se dá, também, de maneira informal, em situações que não estão veiculadas diretamente à escola. Contudo, não se deve esquecer que embora aconteça em outros espaços, necessita da escola para consolidá-la. Essas informações são significativas, devendo ser valorizadas. Opala, trecho (3), traz para a discussão a relação teoria e prática,

reforçando o valor da experiência na construção do conhecimento dos estudantes da modalidade EJA.

Para Safira, trecho (4), a aprendizagem significa: *Mudança, transformação, conhecimento. Aprender é algo [...] significativo [...]*. Revela que aprender implica reorganizar o pensamento, na medida em que consegue estabelecer relações entre os conteúdos escolares e os conhecimentos experienciais, atendendo às expectativas dos estudantes jovens e adultos, provocando mudanças imediatas em suas vidas, em âmbito pessoal e profissional.

Nessa perspectiva de aprendizagem, a educação assumia o papel de guiar os aprendizes para uma transformação pessoal em termos intelectuais e, por conseguinte, segundo DeAquino (2007, p. 24), “mudá-los, ou seja, fazê-los crescer e amadurecer para que se tornassem pessoas completas por meio de uma reflexão crítica sobre as suposições, crenças e valores próprios”.

Conclusão

Com relação à aprendizagem na EJA, os participantes entendem que esta se consolida quando os estudantes se apresentam como capazes de resolver seus problemas e demonstram criticidade em suas ações. Essa concepção está muito ligada à experiência do estudante, seus conhecimentos prévios, seus saberes vivenciais, conforme preceitua a andragogia.

Para os professores pesquisados, uma aprendizagem significativa no contexto da EJA é aquela que transforma o sujeito, ou seja, os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos e, a partir dessa reconstrução, tornam-se autônomos, emancipados, questionadores e críticos. Enfim, capazes de superar os desafios comuns à vida de pessoas jovens e adultas inacabadas e em processo de constante crescimento e sempre abertos a novos saberes.

Essa realidade reforça o valor da experiência na construção do conhecimento dos estudantes da modalidade EJA. A compreensão, por parte dos educadores que atuam nessa modalidade de como ocorrem os processos de aprendizagem de pessoas jovens e adultos, é de fundamental importância para que estes possam pensar práticas mais eficazes. Projetos pensados coletivamente, incluindo os estudantes, e práticas avaliativas democráticas são ações que contribuem para uma aprendizagem significativa e duradoura.

Nessa perspectiva, a figura de um facilitador é crucial para o contexto da

aprendizagem do adulto, sendo responsável por criar um clima de confiança, no auxílio aos estudantes para clarificar suas interpretações, ajudando-os a crescer e a se desenvolver com mais liberdade e autonomia diante do conhecimento. O papel desse facilitador centra-se principalmente no ambiente de aprendizagem, onde cria condições propícias para que esta aconteça. Assim, o adulto passa a ser visto como agente e não mais como objeto. Educador e educandos fazem parte do processo ensino-aprendizagem numa concepção mais colaborativa do saber, do saber fazer, do saber ser e conviver.

Referências

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, Edições 70: Brasil, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução N ° 1**, de 15 de fevereiro de 2007. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Fundebef/fatpond_fundeb_07.PDF> Acessado em 29/03/2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 2002.

DEAQUINO, T. C. E. **Como aprender**: Andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DELORS, J. (org.). **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FINGER, M, ASÚN, J. M. **A educação de adultos numa encruzilhada**: aprender a nossa saída. Porto: Porto Editora, 2003.

KNOWLES, Malcolm S.; HOLTON, Elwood F.; SWANSON, Richard A. **Aprendizagem de resultados**: Uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2009.

MOURA, M. da G.C. **Contributos da andragogia para o estudo da aprendizagem de pessoas jovens e adultas**. 2012. Mimeografado.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.